

*Federal*, redigido por Luiz Gonzaga Pau-Brasil; o da Sociedade Conservadora chamava-se *O Conservador Social*; o da Sociedade Militar, monarquista, tinha por título *O Militar*. Os restauradores, enquanto existiram como força organizada, falavam pelo *Jornal do Comércio*. Os federalistas pregavam pelas colunas de *O Pirilampo*, *O Federal pela Constituição* e *O Guia Federal*. Havia os que pretendiam desligar a Bahia do Império, e mantinham *O Separatista*. Isto sem falar, naturalmente, nas *Sentinelas*, de Cipriano Barata<sup>(94)</sup>.

Em 1832 e 1833, a esquerda liberal estava, na província, quase totalmente batida: refugiara-se na maçonaria e na imprensa. O governo de Feijó levava os seus adeptos ao desespero. Em julho de 1837, Sabino Vieira, um dos mais exaltados, lançava o *Novo Diário da Bahia*, que viria a ser instrumento básico da rebelião que tomaria o seu nome, empregando a linguagem desabusada do tempo. A *Luz Baiana*, de João Carneiro Filho, viria fazer eco ao jornal de Sabino. A 7 de novembro, irrompia a insurreição que, ilhada na capital da província, publicou um jornal, o *Novo Sete de Novembro*, distribuído gratuitamente à população sitiada. Esmagada no brazeiro da cidade a que as tropas imperiais atearam fogo, fuzilados os responsáveis ainda no calor da luta, instalou-se, em junho de 1838, o “júri de sangue”. Sabino Vieira, exilado em Goiás, redigiu ali um jornal de que tirava apenas doze exemplares, *O Zumbi*, tal o rigor da repressão. Mandaram-no, então, para o forte Príncipe da Beira, cento e noventa léguas distante da cidade mais próxima, em 1844. No trajeto, na vila de Mato Grosso, colheu-o contraordem, mas preferiu ali permanecer e redigiu outro jornal, *O Bororó*, vindo a finar-se pelo Natal de 1846.

A agitação ganharia, depois, as províncias de São Paulo e de Minas Gerais. Naquela, desde 1835, era órgão do governo *O Paulista Oficial*, fundado em 1834, substituído nessa função, logo depois, pelo *Paulista Centralizador*. Em 1838, depois de deixar a Regência, Feijó fundara ali o *Observador Paulistano* e, em 1840, Antônio Manuel de Campos Melo punha em circulação *O Solitário*, destinado a combater a política conservadora. Hercules Florence lançou, em Sorocaba, no ano de 1842, *O Paulista*, que seria o órgão da rebeldia que Caxias não teve dificuldade em abafar. O jornal sorocabano tirou apenas quatro números, a 27 e 31 de maio e a 8 e 16 de junho. Diria, num deles: “continuamos a fazer parte do Império, salvo se o governo, longe de ouvir-nos, procurar hostilizar-nos e nos puser

(94) “Jornais em todos os formatos, com todas as cores, com todas as paixões. Poucos tinham uma existência longa. A maioria finava-se depois de poucos números. Outros mudavam de nome. E os editores cercavam o público, fazendo imprimir até quatro periódicos com títulos diferentes”. (Luís Viana Filho: *A Sabinada*, Rio, 1938, pág. 55).